

## Noturno da janela

Claudia Chigres

### I

Corpos repousam em desconcerto. Pernas sobre pernas úmidas, braços-vigas moldam a superfície densa e fluida da noite. A distância das carnes ensaia em sigilo memória deserto linguagem vertigem. O sangue sono convertido em argamassa cal mármore de onde emerge o líquido da vida.

### II

O som distante das águas lava um rosto levemente salgado. São apenas olhos de neon que vazam desejos, debruçados no agudo quadrilátero do quinto andar. Olhos luzes espelho vidro expõem ferro derretido, fuga fuligem. Olhos ondas que simulam o trânsito, movendo-se em lenta desarmonia na algema de aço concreto e pó.

### III

A dor anestesiada pelo sono ausência. Morfina para os ossos corroídos, para as feridas putrefatas pus pudor, para o fétido, o tédio, o tempo que resta. Um torpor bélico inunda o vírus a bactéria o vício invasor de tubos e canos e confusos aquedutos de nervos e vasos sufocados pelo ritmo surdo da espera.

### IV

O azul da tela tv terra cratera despreendendo sons e falas frases instáveis, imagens vozes velozes com a violência de rajadas rastros restos que respiram o esgoto, o rosto do lixo no limite. Falas frases precárias, imagens pedras estalactites de pedra e cinzas, de mudez e cansaço, de abismo e caos.

### V

O choro da criança pulmão músculo convulso a escavar o canto, a reter o ventre, a inverter o fluxo. O pranto sela a noite, penetra sensível nos tecidos, lençóis, nas falhas das quilhas, escorre pelas telhas tetas, emerge nas águas páginas, e arde.

### VI

Dicção da cidade em cifras, em mínimas paisagens solidão. Mais uma noite insone, infame, na arena pálida e inútil da palavra à margem.

Claudia Chigres é Doutora em Letras (PUC-Rio) e Mestre em História Social da Cultura (PUC-Rio). Professora do Departamento de Letras da PUC-Rio.